

E.E.GERALDO BITTENCOURT

**Do outro lado do espelho: Narrativas de Nós e Poéticas do corpo n'(As)pirações
das juventudes periféricas - audiovisual, mídias e contribuições para uma
sociedade antirracista.**

Conselheiro Lafaiete, MG,

2024



RESUMO

O trabalho aqui apresentado trata-se de um recorte dos resultados e registros da pesquisa **“Do outro lado do espelho: Narrativas de Nós e Poéticas do corpo n’(As)pirações das juventudes periféricas - audiovisual, mídias e contribuições para uma sociedade antirracista.”**, desenvolvida entre 2023 e 2024 - em continuidade a pesquisa **“Narrativas de si: O corpo n’(As)pirações das juventudes periféricas - contações/narrativas audiovisuais e contribuições para uma sociedade antirracista.”** (2021-2022) - a qual teve como objetivo geral refletir, através do corpo e das mídias digitais, o papel das narrativas autobiográficas (Ostetto; Kolb-Bernardes, 2015), indivíduos e/ou coletivas das/os estudantes nos processos de construção e promoção de uma sociedade antirracista. Ainda nessa perspectiva buscamos entender como isso se daria junto ao audiovisual e como este poderia contribuir, junto ao corpo e as aspirações das juventudes periféricas, para torná-la mais crítica, respeitosa e sensível à diversidade. Tendo em vista a urgente demanda de estruturação e implementação de ações antirracistas dentro do espaço escolar, as/os estudantes pesquisadores, provenientes das juventudes periféricas que compõem a comunidade escolar da E.E. Geraldo Bittencourt (E.E.G.B.) - pertencentes ao Núcleo de Pesquisa e Estudos Africanos e Afrobrasileiro e da Diáspora (UBUNTU/NUPEAAs) do Programa de Iniciação Científica na Educação Básica (ICEB) da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais (SEE-MG) - vem desde 2021 desenvolvendo este estudo junto a atividades de cunho acadêmico e/ou científico, com o intuito de capacitar, preparar e instigar o núcleo para as atividades de pesquisa, dialogando linguagens, de forma a produzir, analisar e problematizar narrativas racistas e antirracistas, experienciadas por nós. Assim, dialogamos espaços, tempos, processos e atravessamentos em nossos percursos formativos na Educação Básica refletindo, analisando e produzindo material audiovisual, mediando debates e conversas, promovendo ambientes abertos e acolhedores da diversidade, em especial, das juventudes periféricas de nossa comunidade.

Palavras-chave: Juventudes periféricas, Antirracista; Audiovisual; Poéticas autobiográficas; Mídias digitais



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	3
2 JUSTIFICATIVA	3
3 OBJETIVOS	4
4 METODOLOGIA	5
5 RESULTADOS OBTIDOS.....	6
6 CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	7
REFERÊNCIAS.....	

8



1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca entender como nós, juventude periférica [entre 12 e 18 anos], especialmente a preta/parda, da E. E. Geraldo Bittencourt (E.E.G.B.) - em Conselheiro Lafaiete - MG, Brasil, - baseando-se nos componentes curriculares Arte e Filosofia, na Educação Básica, podemos construir e/ou criar ações antirracistas no ambiente escolar e colaborar na construção de uma educação antirracista, de modo que estas reflitam nossas aspirações e pirações¹, fazendo com que um sentimento de pertencimento, de amparo e integração a este espaço, seja promovido.

O presente estudo, nomeado “Do outro lado do espelho: Narrativas de Nós e Poéticas do corpo n'(As)pirações das juventudes periféricas - audiovisual, mídias e contribuições para uma sociedade antirracista”, eixo temático: Núcleo de Pesquisa e Estudos Africanos, Afrobrasileiros e da Diáspora (NUPEAAS), é uma continuação do trabalho desenvolvido na segunda edição do Programa de Iniciação Científica na Educação Básica (ICEB), 2021/2022, buscando entender as juventudes periféricas e seus fenômenos humanos (anseios, subjetividades, desejos, pirações e aspirações) enquanto coletivo, e também em suas singularidades. Promover e compreender nossas narrativas urgentes, nos aproxima de uma construção de currículos mais inclusivos e antirracistas em que as juventudes possam ter suas vozes verdadeiramente ativas e colaborar nesse construto social.

2. JUSTIFICATIVA

Ao observarmos a grande recorrência de casos de intolerância, principalmente do racismo (em suas mais variadas versões) dentro do espaço escolar -inclusive o nosso - percebemos o quão necessária é uma pesquisa como esta. Sendo assim, ela exerce grande relevância e importância para a comunidade, no intuito de problematizar como suas dinâmicas por meio das mídias digitais acontece, a colocando em confronto direto com nossas narrativas. Desta maneira, trazemos como foco central, nossas narrativas e vivências periféricas, dialogando as subjetividades a fim de

¹ De acordo com o dicionário online de português: Piração(substantivo feminino) significa [Gíria] Loucura, maluquice. Etimologia (origem da palavra **piração**). Pirar + ção. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/piracao/>>. Acesso em: 16 jan. 2021. Já no dicionário de Caldas Aulete (3ª edição, Rio de Janeiro, 2011) temos as seguintes definições próximas: Pirar (pi.rar) **v. int.** Bras. Gír. Endoidecer, enlouquecer: *Ele pirou de vez*; Pirado (pi.ra.do) **a.** Bras. Pop. Doido, maluco.



propor soluções, problematizando os porquês, característica de pesquisa-ação, onde somos pesquisadores e sujeitos de nossa própria pesquisa.

Nesse sentido, a urgente demanda de ações antirracistas em nosso espaço escolar onde casos de intolerância e de racismo, que é “estruturante das relações sociais e da formação dos sujeitos (ALMEIDA, 2017)”, vem acontecendo por vezes iniciados e/ou incentivados pelas mídias digitais, distanciando as juventudes de suas subjetividades e perspectivas de futuro. Desta maneira, acreditamos que trazer as mídias digitais para a pesquisa, torna-se fundante para questionar e entender seu forte poder influenciador e como as imagens de controle (BUENO, 2020) operam sobre os indivíduos.

Acreditamos que as mídias devem ser também uma ferramenta aliada no combate ao racismo, divulgando e promovendo reflexões embasadas, promovendo discussões necessárias.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

- Refletir, através do corpo e das mídias digitais, as narrativas autobiográficas e/ou coletivas das/os estudantes pesquisadores, pertencentes ao núcleo do ICEB/Núcleo de Pesquisa e Estudos Africanos e Afrobrasileiro e da Diáspora (UBUNTU/NUPEAAs) provenientes das juventudes periféricas que constituem a comunidade escolar da E.E. Geraldo Bittencourt.

3.2, Objetivos específicos

- Produzir material audiovisual, midiático e digital, didático e/ou acadêmico antirracista, a partir das narrativas individuais e/ou coletivas das/os estudantes pesquisadores;
- Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de algumas formas de linguagem, produzindo discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, p/ ampliar formas de participação social;
- Utilizar diferentes linguagens, em especial a artística e filosófica, a fim de exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, mobilizando conhecimentos p/ dar significado e assim (re)construir produções autorais individuais e coletivas, a partir do respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas;



4. METODOLOGIA

Como metodologia, com o intuito de dar continuidade ao processo da pesquisa, adotamos técnicas de pesquisa clássicas, utilizamos “o procedimento racional e sistemático, que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (Gil, 2002, p.17) e de pesquisa-ação em que fomos participantes e sujeitos da nossa própria pesquisa (Thiollent, 1986). Além da pesquisa qualitativa aplicada e analisada junto a outros indivíduos no espaço escolar.

Utilizamos ferramentas como o audiovisual, mídias, tecnologias, leituras, dinâmicas de grupos, como veículos de expressão, análise, problematização e publicização de nossa pesquisa, em diálogo com o pensamento filosófico.

A análise de plataformas digitais de informações é fundamental para este estudo, uma vez que possui grande poder influenciador nos indivíduos por meio da operação de imagens de controle (Bueno, 2020), tocando em temáticas de extremo interesse de classes dominante, as quais buscam operar de forma a conservar padrões de domínio e violência em seus subjugados. Nesse sentido, seguimos um percurso baseado em quatro etapas, delineadas pela nossa coorientadora na edição 2021-2022 do projeto. É importante pontuar que, as etapas elencadas, embora descritas de forma separadas, não possuem ordem hierárquica e/ou cronológica normatizante aparente no decorrer do desenvolvimento da pesquisa. Dessa forma, a divisão por etapas a seguir têm caráter meramente didático, a fim de produzir cadeias de significação, de modo complementar:

4.1. ETAPAS

- **Sondagem** - Coleta de informações, a partir da observação e escuta ativa dos sujeitos. Alguns dos processos: Rodas de Conversa; Ateliês de Contação;
- **Sensibilização** - Compartilhamento de referenciais (imagens, vídeos, leituras, discursos sites etc.) e vivências, a partir de dinâmicas e/ou jogos teatrais, com intuito de provocar de forma crítica e criativa as/os jovens participantes da pesquisa colocando-os em situações que possam contribuir com o seu processo de reflexão. Alguns dos processos: Leitura Coletiva; Teatralização de Relatos; Colagem; Mapeamento Corporal (formulário); Visitas Técnicas; Pesquisa no feed de sugestões do instagram;



Debates; Exibição das produções dos curta-metragens;

- **Reflexão** - Ato de processar e analisar as informações apresentadas, tais como falas, ideias, emoções, ações, situações e atitudes, coletadas/catalogadas em outras etapas desta metodologia, buscando problematizar de forma crítica, junto aos indivíduos;

Do outro lado do espelho: Narrativas de Nós e Poéticas do corpo n'(As)pirações das juventudes periféricas - audiovisual, mídias e contribuições para uma sociedade antirracista.

- **Ação** - propõe-se pontuar, revolver, alavancar, desenvolver, fazer e experimentar, sempre num contínuo processo de redescobrimto em que tentativa-erro-aprendizagem-acerto-reconstrução seguem o tempo todo, em um fluxo infinito. Alguns dos processos: Escrita de Relatos; Exercícios Fílmicos; Elaboração de Roteiro; Criação e Gravação dos Curtas.

Nesta edição, demos ênfase no Mapeamento Corporal, ferramenta que contempla as 4 etapas da metodologia, elaborado dentro do aplicativo google forms. O formulário conteve 93 questões, relacionadas entre os tópicos: Raça/cor, Cabeça, Tronco, Pernas e Pés. De forma que a coleta desses dados, tem poder embasador para a criação e realização de políticas públicas que promovam a igualdade racial no âmbito escolar.

5. RESULTADOS OBTIDOS

Após a aplicação do formulário do Mapeamento Corporal no segundo semestre do ano passado (2023), o núcleo pesquisador realizou ajustes e atualizações no formulário, conforme julgou necessário perante a reavaliação da experiência dos pesquisados -o próprio núcleo- para que a pesquisa fosse aberta a outros grupos da escola (algumas turmas de anos iniciais, ensino médio regular, EJA e funcionários da escola) e a partir da discussão acerca dos resultados, em uma outra escala, propor ações de fomento ao debate e a políticas voltadas para o acolhimento das diversidades no espaço escolar.

A abertura do formulário para outros grupos, se não o núcleo, ocorreu no ano de 2024 e a partir das informações coletadas, observamos que as discussões raciais pontuaram-se como temática importante para todos os estudantes da escola, não apenas para os estudantes-pesquisadores da iniciação científica.

O Mapeamento Corporal, enquanto ferramenta metodológica, foi enriquecedor para a pesquisa, nos trazendo discussões de como a auto identificação racial entre os participantes. Dos 153 alunos que



responderam o mapeamento corporal, 43,8% se identificaram como brancos, 42,5% como pardos e 13,1% como negros/preto. A maioria dos alunos não expressou desejo de mudar sua cor ou raça; no entanto, entre os 5,2% que manifestaram esse desejo, a preferência pela cor branca foi a mais citada. As justificativas mostraram a percepção de que "sofreria menos" e a ideia de que a nova cor "combina mais" com sua identidade. Esses dados, nos mostraram a necessidade urgente de propor um ambiente escolar mais acolhedor e inclusivo.

O ano de 2024, ficou marcado pela apresentação de nosso projeto na GENIUS Olympiad - maior feira de competição internacional de projetos de ensino médio em ciências, engenharia, arte, curtas-metragens, música, escrita criativa, robótica e negócios - que aconteceu no período de 11 a 15 de junho, em Nova Iorque, nos Estados Unidos, no Instituto Tecnológico de Rochester. A experiência foi uma oportunidade ímpar para os estudantes representantes do Núcleo e professores. Além de um grande desafio, de apresentar o projeto em outra língua em um evento tão importante.

6. CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada tornou-se um importante instrumento de reflexão e ascensão acadêmica e pessoal da juventude estudante-pesquisadora, elevando sua autoestima, e colaborando em questões sociais encontradas dentro e fora do ambiente escolar de nossa escola (E.E. Geraldo Bittencourt).

Os estudantes se engajaram em todo o percurso da pesquisa resultando em um pleno desenvolvimento na construção da consciência de si mesmos, ainda que vivam e sobrevivam em uma realidade desfavorável à realização de seus sonhos, projetos e perspectivas de futuro. Tornando-se resistência, e a contrapartida desta realidade, esta juventude luta por voz e representatividade em todos ambientes que desejarem estar.

Do outro lado do espelho: Narrativas de Nós e Poéticas do corpo n' (As)pirações das juventudes periféricas - audiovisual, mídias e contribuições para uma sociedade antirracista.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen Produção Editorial, 2019.

ALMEIDA, Silvio. O QUE É RACISMO ESTRUTURAL? - Silvio Almeida - TV Boitempo 2017. [S.l.: s.n.], 2017. 1 vídeo (10 min 29 seg). Publicado pelo canal TV Boitempo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PD4Ew5DIGrU>>. Acesso em 12 mar. 2023.

BUENO, Winnie - Imagens de Controle: um Conceito do Pensamento de Patricia Hill Collins. Capa comum, Ed. Zouk, 2020 - 1ª edição.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. - 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

OSTETTO, L. E.; KOLB-BERNARDES, R. Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas. Pro-Posições, Campinas, SP, v. 26, n. 1, p. 161–178, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642424>. Acesso em: 24 jan. 2022.

THIOLLENT, Michel. Metodologia Da Pesquisa-Ação- São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. (Coleção Temas Básicos De Pesquisa-Ação).